

PESADELO

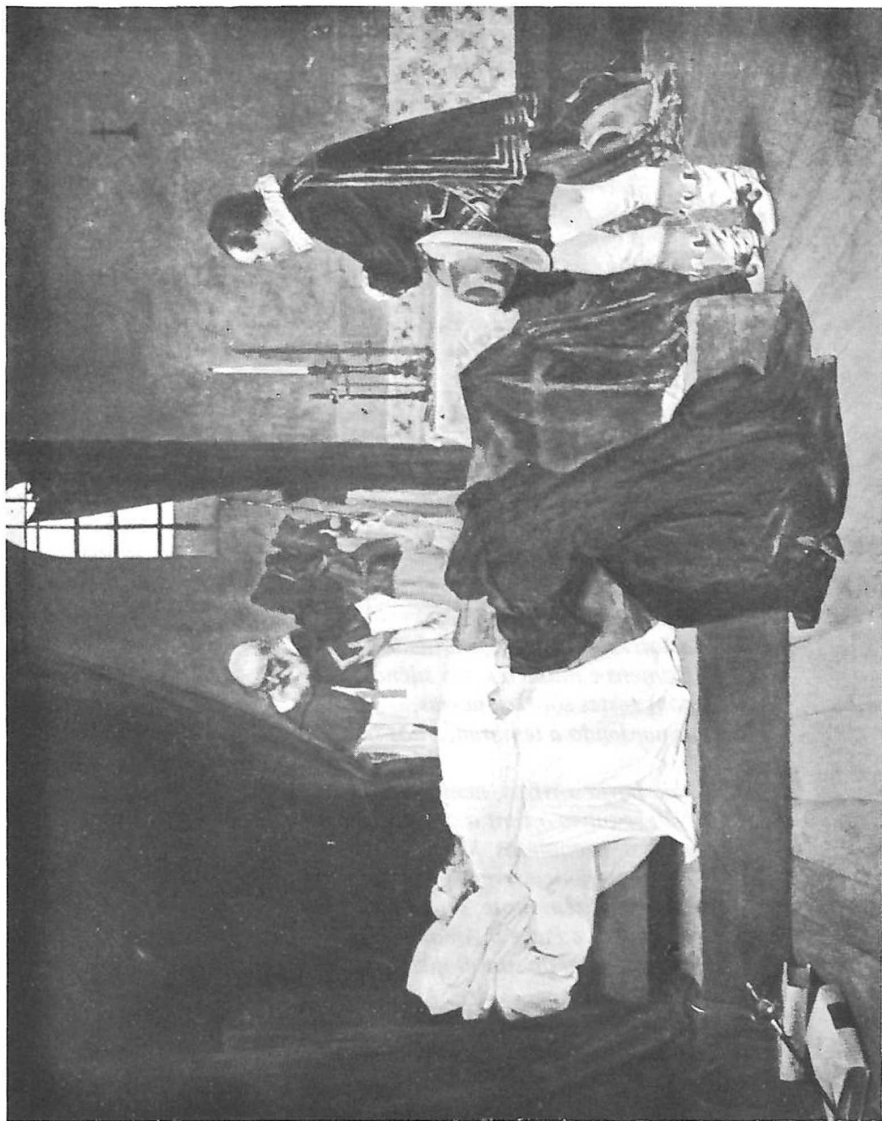
*Rufar de tambores,
Toque de clarins,
Soldados marchando,
Espingardas, baionetas,
Uniformes multicolores, galões,
Condecorações metálicas, pendentes,
Posição de sentido, continência.*

*Longas filas de crianças,
fardadas, iguais,
entoando hinos marciais,
Adolescentes cegos, mutilados,
Homens e mulheres, em silêncio,
com vestes sóbrias, negras,
aguardando a lembrança dos seus mortos.*

*Não havia sorrisos, nem flores,
Não se ouvia o cantar dos pássaros,
alegres, inquietos, livres,
Nem tampouco serenas poesias,
sem rima, sem mote, sem métrica,
exaltando a Paz e o Amor,
ditas ao som de suaves melodias*

*De repente, acordei:
Fora um longo e horrível pesadelo.*

Cada vez odeio mais a noite!



Camões no seu leito de morte, óleo do pintor brasileiro Antonio Firmino Monteiro (Paris, 1883), doado pelo autor ao Real Gabinete Português de Leitura em 1888.

CAMÕES – PORTUGAL ETERNO

1580

*No calvário final da esp'rança perdida;
Coração a sofrer por ausências de amor;
E, por ingratidões, a alma dolorida,
Assim, CAMÕES, subiste ao reino do Senhor,*

*Mais sofrendo, também, por ver's a Pátria qu'rida
Entregue ao espanhol, num triste desamor,
O que te fez dizer, na hora pressentida,
Que morrias com ela, envolto em sua dor!*

*Penoso foi o transe e densa a escuridão
Que Portugal viveu, em real cativoiro:
Seis décadas de mágoa em vil humilhação!*

*Mas, teu Canto maior, muito à Pátria ajudou
A restaurar, no tempo, ao ensejo primeiro,
O eterno Portugal que teu génio cantou!*

1980

*“E, SE MAIS MUNDO HOUVERA, LÁ CHEGARA”,
Tu o disseste, CAMÕES, dando a grandeza
– De dimensão humanamente rara –
Com que mediste a alma portuguesa*

*Que, por limites tais, se igualara
A dimensões maiores da Natureza
E, por teu idioma, dilatara
Nossa maior fronteira de riqueza!*

*Agora, quatro séculos decorridos,
Quando a Pátria volta, em desencanto,
A dimensões menores dos tempos idos,*

*Mais uma vez de Ti, Vate imortal
– Da força inigualável do teu Canto –,
Revive nova Fé em Portugal!*

Vitorino Campos

POEMAS BRASILEIROS (*)

I – RUMO AO SOL

*Lá vai o Sol voando
Rumo ao Ocidente,
Num vôo largo e brando
 Que mal se sente. . .
Num vôo galopante,
Lá vamos nós também,
Na ânsia de alcançá-lo,
 De ultrapassá-lo,
 Pela noite além. . .
Mas – ó maravilha! – é o próprio Sol,
Cumprida a rotação sideral,
 Que nos vai alcançar,
 Ultrapassar
 E fascinar
Com sua luz astral,
Quando paramos, vencidos,
 Para além do mar
Frente ao Brasil doirado, colossal,
 A perfilar-se no azul,
A subir das águas como um Sol!*

II – NOVOS DEUSES

*Corremos ligeiros sobre as nuvens
– Novos deuses caricaturais –
A arremedar os deuses do Olimpo
 – Os deuses imortais!

Eles, mesmo sem motores a jacto,
Voam risonhos pelos céus.
 Entre raios e trovões.
Tendo asas nos pés como Mercúrios,
 – O deus glorioso dos ladrões.*

(*) Escritos no Rio de Janeiro e em Salvador, respectivamente, quando da última visita ao Brasil do conhecido membro da Academia Nacional de Belas-Artes, de Lisboa, em novembro de 1977.

*Que nós não precisamos de ser deuses
Para violar as nuvens nas alturas,
Para pôr as cidades às avessas,
Sem terremotos nem torturas. . .*

*Gozam mais os deuses fabulosos
Do privilégio, do mui alto dom
De não temer quedas fatais,
Nem desvios de aviões. . .*

*Foram eles fadados pelos astros
E irradiam a graça imortal
Dos mármoreos da Fídias,
Do seu escopro sobrenatural.*

*Rimos-nos hoje dos deuses do Olimpo,
Das suas fábulas sem televisão.
Riem-se os deuses das verdades novas
— Certezas certas. . . sem con^firmação.*

*Será deles a mentira?
Seré nossa a ilusão?*

Fernando de Pamplona

* * *

*Filho, meus sonhos tornados vida.
Meus castelos e brazões
Meus anéis e alazões.
Lezírias de trigo eternas
onde cães vivem sonhando
Pássaros pousados, no ar.
Gestos de infância voltando.*

*Filho, meu grito de eternidade!
A tua vida na frente
É já a minha saudade.*

Marcos Leal
20.05.1978